



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

Ivânia Maria Sotta

Tags

- [saúde](#)

História completa

Nasci na comunidade de Saltinho, Rodeio Bonito, a 19 de julho de 1967. Pelo lado da minha mãe, o nono e a nona vieram de Cruz Alta morar em Saltinho, onde ele residiu até morrer e ela ainda reside. Ele era, como antes se dizia, juiz de paz e depois que se aposentou gostava de fazer um biquinho com pedras. Meu avô ajudou a descobrir minérios em Saltinho e lá agora só dá garimpo, só dá rampa, quase ninguém planta... Na casa da minha mãe, eram em cinco irmãos – quatro filhas mulher e um filho homem – e a vida deles era razoável... Os meus avós por parte de pai vieram de Erechim para morar na comunidade de São José Planalto, a 16 quilômetros de Rodeio Bonito, onde minha avó reside até hoje. São os dois de origem italiana, tinham terras e plantavam milho, feijão, mandioca, soja; criavam vaca e vendiam leite, faziam queijo... A condição de vida deles era melhor, porque eram e ainda são quase todos negociantes. Meu avô era agricultor, mas também tinha parte em lojas com os meus tios, de compra e venda de secos e molhados. Só meu pai não tem comércio nenhum. Eles chegaram por esta região descobrindo caminho, porque aqui era tudo mato. Faziam umas caravanas de Erechim, onde já tinha cidade, e vinham pra cá de carreta puxada a cavalo, boi ou pelo rio. Ouvia meu avô falar que eles botavam as lanchas no rio e vinham cortando o mato de machado, de fâção, até que vieram parar em São José Planalto... Naquele tempo, pelo final de 40, Rodeio Bonito era tudo mato. Meu pai, que hoje tem 51 anos, conta que nasceu em Erechim, veio pra cá com 2, 3 anos e era muito chorão. A nona ia pra roça ajudar o nono a derrubar o mato no machado e ele ia atrás, chorando... Não tinha mais sobranceira, de tanto chorar... Um dia, ele ouviu os uivos de um tigrinho arremedando ele a chorar. Quanto mais chorava, mais aquele bicho chorava junto, cada vez mais perto... Ele se assustou, deu um corridão pra casa e, daquele dia em diante, parou de chorar; foi um remédio. Meu pai cresceu em São José Planalto, trabalhando como agricultor com meu avô e os irmãos, que eram 13... Daí casou com a minha mãe, que morava em Saltinho; não sei o jeito que se conheceram; sei que quando casaram moraram um ano em Saltinho, na terra do meu nono. Eu nasci ali e mudamos quando meu pai recebeu do pai dele 8 alqueires em São José Planalto, onde está até o dia de hoje plantando, criando cabrito, ovelha e vaca de leite... A minha infância em São José Planalto foi bem legal, mas desde os 8 anos eu já trabalhava na roça... Éramos em seis filhos, sendo só um homem e eu a mais velha; então, eu tinha que ajudar. Metade do dia eu estudava, outra metade trabalhava na lavoura e ainda tomava conta da roupa; ao meio-dia eu ia ensaboar roupa pra minha mãe. Uma vez deu sarampo e deitamos todos, um pior que o outro... Minha mãe foi com quatro pro hospital, era assim de bando... Naquele tempo ninguém vinha orientar a gente sobre a vacina do sarampo aos 9 meses, ninguém sabia nada. Então, quando a gente caía de cama era de turma, e dava graças a Deus quando não morria... Nessa época, perto de minha casa morreu uma criança com tosse comprida, que é a coqueluche, e também morreu muita criança de sarampo. Quando eu tinha uns 12 anos, minha mãe ganhou o último neném lá de casa e, uns dois anos depois, deu derrame e ela ficou três meses num hospital. Então, tive que tomar posse de tudo, era a mestra dentro de casa: roupa, limpeza, comida... Com cinco irmãos mais pequenos para cuidar, tive que me virar em casa, na roça, no colégio... Depois, minha mãe voltou e com o passar do tempo ficou bem, graças a Deus vive até hoje. Mas não trabalhou mais na lavoura, só dentro de casa. A gente ajudava, meu pai dava conta da lavoura sozinho, como dá até hoje: cuida da plantação, das quatro vacas, uma junta de bois, dos porcos e do resto... Quando fiquei adolescente, lá na comunidade tinha um grupo de jovens e eu participava: fui catequista e ajudava na capela. Também tinha reunião dançante quase todo final de semana e foi assim que conheci meu marido. Ele é de Salto Velho e ia lá pra São José Planalto todo final de semana. Nosso grupo de jovens fazia as reuniões dançantes ou jogo de futebol pros rapazes. Ele tinha ido pro quartel, tava com o cabelo bem raspado e, naquela matinê, me tirou pra dançar. Dancei quase a tarde inteira com ele sem saber quem era. No final, ele me perguntou de que gente eu era. Disse que era Brombila, meu sobrenome de solteira, e ele respondeu: “Sabe, era uma Brombila que eu estava procurando.” Eu disse: “Mas tu nem me conhece...” Depois, fomos juntos até um pedaço do caminho conversando, e eu naquela: “Será que vou namorar esse cara?” Tinha 16 anos, era bem novinha... Deu uma chuvarada, acho que de uns três meses, que apodreceu tudo – soja, milho –, e ele sumiu, não vi mais. Um dia, num culto de manhã, ele apareceu, mas não se achou com coragem de chegar perto, nem eu também. Fui pra casa, mas de tarde tinha jogo e aí ficamos juntos. Daquele dia em diante começamos a namorar, ele pediu autorização pro pai e pra mãe, correram seis meses e nos casamos. Tivemos dois filhos. Quando eu ganhei o meu mais velho, em 1985, não tive orientação nenhuma. A gente ficava grávida e se ficava doente vinha consultar, mas não tinha quem orientasse sobre aleitamento materno, sobre pré-natal. A mãe explicava, mas ela também pouco sabia... Hoje, se engravidasse, seria totalmente diferente. Nem pré-natal eu fiz e meu neném nasceu com bastante problema de infecção, tinha asma. Meu leite secou quando o neném tinha 8 meses e tirei do peito. Aí foi cada vez mais infecção; todas as semanas o piá com diarreia. Era uma semana em casa, outra no médico. Um dia eu me incomodei e disse: “Doutor, como é que pode uma coisa dessa? Toda semana eu venho consultar e, se melhora da diarreia, não melhora da infecção. O que pode ser isso?” Ele respondeu: “Minha filha, tu fez pré-natal, o acompanhamento médico pra ver se tu não tinha infecção nenhuma antes de ter o neném?” Eu disse: “Nem sei o que é isso doutor.” Ele disse: “Pois se antene mais e, com o próximo que tiver, faça o pré-natal.” Então, no meu segundo filho já foi totalmente diferente, porque já

existia a enfermeira Maria Augusta aqui no Posto de Saúde de Rodeio Bonito e ela começou a orientar a gente sobre o aleitamento materno. Explicou que se o leite diminuísse era para continuar dando que voltaria a aumentar. Hoje a menina está com 5 aninhos e nunca baixei com ela no hospital, só teve uma gripezinha, uma coisinha ou outra... Tirei ela do peito com 1 ano e 8 meses e foi quando teve uma diarreia. Foi uma maravilha criar; o que eu sofri com o primeiro, não sofri nem uma parte com ela... Naquele tempo, eu trabalhava com meu marido na nossa terra, 3 alqueires em que plantamos milho, soja, feijão, mandioca, amendoim, pipoca... Um pouco pra vender, um pouco mais pra comer... O amendoim, a pipoca, a mandioca, a abóbora e uma parte do milho a gente planta mais pra casa, pra tratar as vacas, a criação. Soja, milho e feijão é pra vender. Nós temos galinha, pato, coelho, porco, quatro vacas e duas juntas de boi, mais um terneiro – um tourinho. Das vacas eu cuido: tiro e vendo o leite. Dá bem pra sobreviver. Dentro de casa eu tenho tudo: freezer, geladeira, tudo... Eu entrei no PACS a pedido das comunidades próximas de Saltinho. Fui indicada para ser agente comunitária e fiz a inscrição, depois a prova escrita e daí fui para a entrevista com seis aprovados. Lembro de uma pergunta que era assim: “Se acaso vocês visitarem uma família que não tenha privada: vocês explicam a importância da privada; voltam outras vezes e essa família continua sem privada: o que vocês fariam?” Outros responderam que iam jogar bruto, porque a paciência não deu em nada.... Eu disse assim: “Se expliquei e a família não fez, vou ter de conversar diferente e ver por que não fez. De repente, não tem condições, e daí vou voltar lá e ajudar a construir.” Eu tento sempre dialogar e me proponho: “E se eu estivesse na mesma situação?” A gente tem que pensar um pouco, não é eu pego e faço... Morei naquela comunidade lá embaixo, Salto Velho, quando casei, e lá as mães ficam grávidas e não têm nem enxoval pro neném. O enxoval do meu piá, dei pra uma mãe de lá... Chega o inverno e muitas crianças pobrezinhas não têm um agasalho e tem muita criança desnutrida. Precisa ver o que que é: 3 aninhos e pesando 10 quilos. Comecei o trabalho de agente comunitária de saúde em cinco comunidades, incluindo Linha Nova e Linha Olaria; era uma área muita grande e eu não vencia fazer tudo. Às vezes, tinha que pousar uma noite na sogra e voltar no outro dia pra casa. Meu dia é puxado: saio para trabalhar e ainda cuido do meu serviço de casa – a roupa, a comida, a limpeza –, dou atenção pro marido, pros filhos e tenho as duas vacas de leite pra cuidar, tirar o leite e vender... O primeiro trabalho foi fazer o cadastramento das famílias, e no começo não foi fácil lidar com o povo. Lá na minha área, São Cristóvão, são uns amores; mas pra cá, de Linha Nova a Olaria, eu não conhecia muito bem as pessoas e teve mais brutalidade... Recebiam de jeito ignorante, brigando com a gente. Mas depois eu já fiquei amiga deles também. A mulherada vai marcando o dia da minha visita e cobra: “Mas o que deu? Será que a Ivânia não vem mais?” Muita vezes elas querem que eu tome chimarrão, que almoce na casa delas, e tem umas nonas que ficam bravas se eu não tomar o chimarrão, resmungam... Tenho que fazer a vontade delas: parar, escutar, tomar o chimarrão... Muitas são sozinhas e querem conversar. Eu vou ver se não estão doentes e, quando estão, volto pra fazer acompanhamento... Muita gente vem consultar no Posto de Saúde porque é de graça, mas não leva os remédios. No mês seguinte, voltam com a mesma doença. Eu explico: “Não adianta levar receita pra casa, tem que comprar os remédios e tomar.” Muitos não têm dinheiro para comprar os remédios ou não sabem economizar. Oriento pra gastar menos ou arranjar um biquinho para conseguir o dinheiro. Eu ajudo: “Quem sabe o teu marido não vai trabalhar de peão uns dois dias e tu consegue comprar os remédios...” As criança eu peso, vejo o cartão da mãe, se está com as vacinas em dia – a antipoliomielite, da difteria, do tétano, da coqueluche, do sarampo, a BCG. Com 6 anos, eu incentivo fazer um reforço da BCG, pra proteger contra tuberculose. Aqui no Rio Grande do Sul tem bastante caso de tuberculose, que é pegadeira. Quando comecei, na minha área tinha três ou quatro casos de desnutridos e tinha diarreia, vacina atrasada, gestante mal orientada. Às vezes eu pegava uma gestante de sete, oito meses e perguntava: “Tu tá fazendo pré-natal?” Ela respondia: “Não, porque estou me sentindo bem.” Eu dizia: “Tu tá se sentindo bem, mas será que o teu neném está se sentindo bem?”. Uma dessas eu encaminhei com oito meses para o médico do Posto de Saúde e o neném dela estava com baixo peso, já ia nascer desnutrido. Quando voltei na casa dela, ela me disse assim: “Tu estava certa; por que esse programa não começou antes?”. A gente explica por que se deve fazer o pré-natal e o porquê das vacinas. Antigamente, as mães falavam do “mal de sete dias”, que era na verdade o tétano que dava nas crianças por causa da infecção no umbigo. E as mães não eram protegidas... A maior dificuldade no nosso trabalho é quando a gente encontra um doente pobre e não existe o remédio gratuito no Posto de Saúde. A gente se vê pequenininha, estreita... Apesar disso, na minha área, tem cada vez menos doença, cada vez menos criança com baixo peso e as gestantes também, poucas têm problemas... Nas comunidades, os moradores, em sua maioria, são agricultores. Uns têm terras, outros moram de agregados em terras alugadas. Uns são bem de vida, outros trabalham a meia com o patrão: se colhem 10 sacos de soja, 5 são do patrão, geralmente gente que foi pra cidade grande e se deu bem lá. São sítios pequenos, de 4, 5 alqueires, não tem grandes propriedades por aqui... Na minha vida e no meu trabalho, o que eu desejo é lutar cada vez mais e que tudo se torne melhor, mais fácil, pra mim e pra todas essas pessoas que eu visito...